

MICROSCÓPIO

A Rui Barbosa coube, em nosso país, uma grande missão e um destino ingrato. A missão foi ser a voz do direito, da justiça e da liberdade; o destino, ser constantemente combatido, caluniado e renegado.

Assim, não faz muito, um jornalista, que, a julgar pelo nome, deve ser conterrâneo do insigne baiano, pretendeu insinuar, nesta mesma pagina de jornal, que Rui poderia estar apadrinhando hoje o regime politico vigente, pois, já em suas celebradas "Cartas de Inglaterra", assim se exprimia ele: "Afirmiei sempre a indiferença das formas de governo".

Realmente, foi Rui, e não poderia deixar de ser, indifferente às formas exteriores do governo. Monarquia e republica, coroa e barrete frigio são caracteres superficiais, quase ornamentais, que nada exprimem por si mesmos. Pode a republica ser ditatorial e despotica, e liberal e democratica a monarquia. Desta ultima hipotese tinha ele o exemplo vivo na Inglaterra, que lhe dera asilo contra as perseguições republicanas, como fazia a todos os proscritos. Da primetra, andavam os exemplos à mão de semear. Por isto, até à vespéra do 15 de novembro, procurara o titã conciliar o Imperio com a federação e, somente depois de desenganado pela obstinada resistência monarchica, assestou ele a sua clava demolidora às instituições imperiais.

Mas formas exteriores de governo são mui diversa cousa de mecanismo politico, estrutura interna. Conhecia Rui a differença e, por conhece-la, seu constante esforço, na Republica, foi o aperfeiçoamento do regime. Já poucos anos depois de promulgada a constituição de 24 de fevereiro, da qual fora o artifice maximo, desfraldava ele a bandeira da revisão, que nunca mais abandonaria e para sustentar a qual tudo sacrificou, inclusive a possibilidade de ser elevado à presidencia da Republica pelas situações dominantes nos Estados.

Por que tal insistencia, por que tamanho e tão continuado sacrificio, por que a luta contra o officialismo encastelado na intangibilidade constitucional, se presidencialismo, parlamentarismo ou ditadura, era tudo indifferente ao grande brasileiro?

Não. Há cousas sagradas. E uma delas é a memoria dos mortos que passaram dignamente pela vida.

RAUL PILLA

30.11.944